

DOI: 10.20911/21799024v14n1p71/2023

## “Transitar a paciência”: A liderança ao estilo de Francisco

**Moisés Nonato Quintela Ponte**<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo constitui o texto-base de uma conferência ministrada no programa de Capacitação em Liderança Inaciana e Jesuítica, promovido pela Província dos Jesuítas do Brasil, em 29 de setembro de 2022. Partindo do fascínio gerado pela liderança de Francisco no início de seu pontificado, o texto buscará aproximar-se de sua pessoa concreta, narrada pelo próprio Pontífice em tons bem menos heroicos do que em várias narrativas repercutidas em diversos meios sobre o seu estilo de exercer a liderança. Remontando o itinerário biográfico descrito pelo Papa Bergoglio, compreenderemos as raízes humano-espirituais de seu pastoreio e liderança. Particularmente, o modo como sua experiência de fracassos constituiu ponto de partida de outro modo de compreender-se em relação a outras pessoas, a si mesmo e a Deus. Aprendendo a “transitar a paciência”, contrapôs à “mística da eficácia” uma “teologia do fracasso”, através da qual a *actio*, que caracteriza toda e qualquer liderança, não teme reconciliar-se com a força da *passio*, tanto no que diz respeito ao assumir sua própria corporeidade e vulnerabilidade, quanto no deixar-se guiar pelos outros, especialmente, os mais pobres e vulneráveis.

**Palavras-chave:** Papa Francisco; Liderança; “Teologia do Fracasso”; Paciência.

**Abstract:** This article constitutes the base text of a conference given in the Training Program in Ignatian and Jesuit Leadership, promoted by the Province of the Jesuits of Brazil, on September 29, 2022. Starting from the fascination

<sup>1</sup> É doutorando em Teologia Moral pela *Accademia Alfonsiana*, pertencente à *Pontificia Università Lateranense*, em Roma, Itália. Desde 2019, é professor de Ética Teológica Fundamental no primeiro ciclo teológico da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Email: moises@jesuits.net.

generated by Francisco's leadership at the beginning of his pontificate, the text will seek to approach his concrete person, narrated by the Pontiff himself in far fewer heroic tones than in several narratives resonated in various media about his style of exercising leadership. Retracing the biographical itinerary described by Pope Bergoglio, we will understand the human-spiritual roots of his shepherding and leadership. Particularly, the way in which his experience of failures constituted the starting point of another way of understanding himself in relation to other people, himself, and God. Learning to "travel through patience", he countered the "mystique of effectiveness" with a "theology of failure", through which the *actio*, which characterizes all leadership, is not afraid to be reconciled with the force of *passio*, assuming one's own corporeality and vulnerability, and letting oneself be guided by others, especially the poorest and most vulnerable.

**Keywords:** Pope Francis; Leadership; "Theology of Failure"; Patience.

## **Introdução: o irromper da celebridade**

Pouco após sua eleição como Papa, Francisco já se encontrava no centro dos holofotes como exemplo fascinante de exercício da autoridade em um tempo de crise de lideranças e de instituições. Em si mesmo alvissareiro, o seu estilo simples, desinteressado e aberto ao diálogo, dizia-se efusivamente em gestos e atitudes... quiçá mais do que em palavras. Para se ter uma ideia do fascínio generalizado exercido pela figura de Francisco, bastaram-lhe nove meses de pontificado para que a revista *Time* lhe outorgasse o cobiçado título de "personalidade do ano". Nas palavras de Nancy Gibbs (2013), à época editora-chefe da revista:

Numa época em que os limites da liderança são postos à prova em tantos lugares, eis que surge um homem sem exército nem armas, sem reino a não ser um pequeno punhado de terra no meio de Roma, mas com a vasta riqueza e o enorme peso da História atrás de si, para nos lançar um desafio [...]. Eis um homem com um excelente sentido dos tempos [...]. Ao rejeitar a pompa e os privilégios, [...] está a fazer mais do que servir de modelo de misericórdia e transparência. Está a abraçar a complexidade e a reconhecer que uma Igreja obcecada com os seus próprios direitos e probidade corre o risco de infligir mais feridas do que as que sara.

É essa a tônica de um vídeo amplamente divulgado no Brasil pela *Thymus*, corporação que presta serviço de consultoria estratégica para marcas famosas como a *Natura*. No vídeo, Ricardo Guimarães, fundador e presidente da *Thymus*, contrasta a crise vivida pelo "nosso querido Bento" com o sucesso de "Chico". Diante de "um mundo instável, rápido, imprevisível, fora de controle e complexo" – afirma Guimarães no vídeo da *Thymus* (2016) –, o mérito do Papa Bento XVI teria sido o de reconhecer a necessidade de dar lugar a uma nova liderança, capaz de implementar mudanças capitais em uma instituição plurissecular, cujas estruturas permaneciam as mesmas de uma época já passada, quando a histó-

ria parecia transcorrer de modo “estável, lento, previsível, controlável e simples” (“Thymus - Natura”, 2016).

Em todos esses exemplos, emerge a figura – frequentemente descrita com ares de exaltação – de um líder autêntico, ou mesmo de um estrategista capaz de contornar as maiores adversidades por sua especial habilidade de ver mais além do que é imediato e circunstante (IVEREIGH, 2019, p. 34). Estabeleceu-se, assim, a imagem do Papa Bergoglio como o “Grande reformador”, título de uma biografia escrita pelo jornalista britânico Austen Ivereigh (2014), no início do pontificado de Francisco.

Anos mais tarde, em entrevista com o Papa Francisco, esse mesmo autor escutará de seu biografado uma crítica tão simples quanto provocadora sobre seus escritos: “‘Você é muito gentil comigo’. A palavra em espanhol era *benévolo*” (IVEREIGH, 2019, p. 2). A fala do Papa foi sucedida por um momento de descontração, com direito a boas risadas. Mas a mensagem foi claramente captada por Ivereigh.

Francisco abriu-lhe os olhos para perceber que, embora bem-intencionado, ele havia contribuído para a difusão de uma imagem quase hollywoodiana do papa, “na qual uma figura ungida de outro mundo se ergue com poderes sobre-humanos para derrotar desafios acachapantes” (IVEREIGH, 2019, p. 2). O autor se dirá até mesmo envergonhado por ter, em sua primeira obra, comparado Bergoglio “a um gaúcho galopando dos pampas ao raiar de um novo dia” (IVEREIGH, 2014, p. 356).

Diante dos olhos do jornalista, já não se encontrava mais “o grande reformador”, e sim o “pastor ferido”<sup>2</sup>: “eu o achei mais baixo, mais envelhecido, mais vulnerável, mais comum de quanto eu o costumava imaginar. Eu me encontrava agora com a pessoa, não com a celebridade [*personality*]” (IVEREIGH, 2019, p. 2).

## 1. Ao encontro da pessoa: quem és, Francisco?

A lição aprendida por Ivereigh é clara, se quisermos nos inspirar na *pessoa*, é necessário que nos desfaçamos de imagens e projeções. Uma pessoa tem história, é situada num tempo e lugar determinados. Se a “periferia” (*Evangelii Gaudium*), o “cuidado da casa comum” (*Laudato si'*) e a construção da “fraternidade e da amizade social” (*Fratelli tutti*) são lugares privilegiados para compreendermos o estilo de liderança de Francisco, é porque não nos encontramos diante de ideias ou jargões, mas de realidades concretas, encarnadas na vida do homem Bergoglio, donde a pergunta:

“Quem é Jorge Mario Bergoglio?”. O Papa fixa-me em silêncio. Interrogou-lhe se é uma pergunta lícita... Ele faz sinal de aceitar a questão e diz-me: “Não sei qual possa ser a definição mais correta... Eu sou um pecador [...]”. A minha divisa, *Miserando atque eligendo*<sup>3</sup>, senti-a sempre como muito

2 “*Wounded Shepherd* (= pastor ferido)” é o título da obra na qual Ivereigh relata as memórias aqui reportadas sobre seu encontro com o Papa Francisco.

3 A expressão latina procede de uma homilia de são Beda, sobre o chamado de Mateus. Ela é proposta como leitura

verdadeira para mim [...]. Este sou eu: um pecador para o qual o Senhor voltou o seu olhar. E isto é aquilo que disse quando me perguntaram se aceitava a minha eleição para Pontífice” (FRANCISCO; SPADARO, 2013).

A resposta do Papa Francisco ao jesuíta Antonio Spadaro, diretor da revista *Civiltà Cattolica*, não é protocolar nem trasvestida de falsa modéstia. Tampouco resulta de uma falta de confiança em si mesmo. Afinal, o que Francisco coloca em relevo não é tanto o fato de ser pecador, mas o de ter sido olhado com misericórdia pelo Senhor que o elegeu para o seu seguimento, embora pecador e limitado, no posto mais alto de liderança da Igreja Católica<sup>4</sup>.

O olhar que o Senhor lança sobre Mateus, salva-o do ensimesmamento em suas debilidades, limites e pecado. Amante do uso de imagens para a expressão de ideias (EG 157), Bergoglio evoca a célebre representação do chamado de Mateus, tal como retratada por Caravaggio. Da “periferia” da cena, brilha a luz que procede de Cristo e resgata Mateus de um centrar-se compulsivo sobre seus bens. “Aquele dedo de Jesus assim... dirigido a Mateus. Assim sou eu. Assim me sinto. Como Mateus” (FRANCISCO; SPADARO, 2013).



O chamado de Mateus, de Caravaggio, 1

---

pelo ofício das leituras da Liturgia das Horas, na festa de São Mateus: “Jesus viu o publicano, e como o olhou com misericórdia (*miserando*), escolheu-o (*atque eligendo*)”. Ao ser nomeado Bispo, Bergoglio a escolheu como lema episcopal pelo significado que ela tinha em sua história vocacional. Com efeito, no dia de São Mateus do ano 1953, logo após uma confissão, o jovem Bergoglio sentiu em sua própria pele o olhar misericordioso do Senhor que, amando-o, perdoava-o e o chamava a segui-Lo.

4 A ouvidos familiarizados com a história da Companhia de Jesus, a resposta de Bergoglio soa profundamente jesuítica. Instada por vários postulados que exigiam da Companhia de Jesus uma definição de sua identidade em tempos de tensão e crise, a 33ª Congregação Geral dos Jesuítas (1974-1975) ofereceu a seguinte resposta: “O que vem a ser um jesuíta? É saber que, embora pecador, se é chamado a ser companheiro de Jesus como o foi Santo Inácio” (Congregação Geral 33ª, decreto 1, nº 11).

## 2. A periferia como lugar de salvação: entre descentramento e dom

A cena de Caravaggio é significativa. Ela nos dá a pensar sobre o lugar da periferia na vida do Papa Francisco. Além de ser verdadeira baliza orientadora de seu pastoreio – inteiramente voltado às periferias geopolíticas, sociais e existenciais (EG 30; 46; 53; FT 97) –, ela também constitui um lugar de salvação/chamado/missão. Com efeito, é no movimento de descentramento e saída do próprio “eu” que Francisco, ao “abraçar o risco do encontro com o rosto do outro” (EG 87), encontra seu “princípio e fundamento” (EE 23). Criado à imagem e semelhança de um Deus que é Amor (1Jo 4,8), o Papa reconhece em seu próprio ser, qual necessidade vital, “uma espécie de lei de êxtase”: ao “sair de si mesmo”, encontra “nos outros um acrescentamento de ser” (FT 66).

Que a saída de si mesmo seja (1) condição de salvação, (2) de seguimento de Jesus e, por consequência, (3) de exercício do pastoreio ao modo do Mestre, relata-nos de modo evidente os evangelhos:

(1) “Quem buscar sua vida a perderá, e quem perder a sua vida por causa de mim a encontrará” (Mt 10,39).

(2) “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24).

(3) “Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,14).

Igualmente evidentes são os benefícios concretos que tal “saída de si” comporta para o exercício da liderança. Nas palavras de um renomado executivo, ex-jesuíta, que por dezessete anos trabalhou em altos cargos na J. P. Morgan & Co<sup>5</sup>:

Uma pessoa não pode dirigir aos demais se não é capaz de dirigir-se a si mesma, assim como não pode dirigir-se a si mesma se antes não se empenhou no trabalho necessário para ser quem ela é [...]. Assim, pois, a liderança não consiste meramente em conhecer-se a si mesmo, mas também a vontade de combater os próprios demônios. Afinal de tudo, se ela não lutou para vencer sua própria debilidade e tornar-se a melhor versão de si, como poderá nos exortar, de modo credível, a sermos a melhor versão de nós mesmos?” (LOWNEY, 2014, p. 49-50).

O que, no entanto, não é evidente é que, por maior que seja o esforço de alguém em “vencer-se a si mesmo e ordenar a sua vida sem se determinar por afeição alguma que seja desordenada” (EE 21), ao final, como Francisco reconhece ao afirmar-se pecador, tudo é dom e graça.

Dito em outras palavras, a rotina e disciplina de vida de Francisco. Seu estilo simples, abnegado e pobre. Sua autoridade moral, fruto da coerência entre o que vive e o que ensina. Seu altruísmo e compaixão para com as dores e angústias de uma humanidade e de um mundo feridos... tudo isso não configura senão

<sup>5</sup> Instituição bancária comercial e de investimentos, fundada em 1871 pelo estado-unidense John Pierpont Morgan, uma das figuras financeiras mais destacadas mundialmente durante as duas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial.

a face ascética – mas não menos importante – de um caminho mais profundo haurido no relacionamento com Deus, particularmente, na escola dos “Exercícios Espirituais” de santo Inácio.

Filho de Inácio e experimentado na escola dos “Exercícios”, o papa sabe muito bem que o seguimento de Jesus Cristo, em sua missão de pastoreio e serviço, exige grande esforço pessoal e disposição “para tirar de si todas as afeições desordenadas” (EE 1). No entanto, com maior razão ele sabe que, após quatro semanas de intenso esforço e atividade, aquilo que verdadeiramente importa é que o/a exercitante alcance a *graça* de reconhecer internamente “tanto bem recebido” (EE 233).

Porquanto seja importante o *esforço* da parte do/a exercitante, mais fundamental é saber que o método é apenas *instrumento* para que ele ou ela se deixe inteiramente conduzir pela ação do Espírito Santo, verdadeiro protagonista que opera no interior do/a exercitante a libertação de todas as suas amarras e pecados para inteiramente conformá-la/o a Cristo, em seu Amor.

Em outras palavras, Inácio propõe ao exercitante o que duramente aprendeu em seu processo de conversão. De um líder heroico e voluntarista, que a tudo pretendia conquistar por seu próprio mérito e força, passou a compreender, como peregrino, que tudo é dom e graça: “observar como todos os bens e dons descem do alto (Tg 1,17), por exemplo, como o meu limitado poder vem do sumo e infinito poder do alto, e bem assim, a justiça, a bondade, a piedade, a misericórdia etc.” (EE 237).

Um segundo aprendizado, tão fundamental quanto o precedente, é que o caminho do peregrino não é o do mero dever ou o das conquistas militares, mas de amizade e amor. Um caminho que nasce do encontro, e para ele se vive, inteiramente: “o amor consiste na comunicação mútua, isto é, que a pessoa que ama dá e comunica à amada o que tem ou pode, e igualmente, por sua vez, o amado ao que ama” (EE 231).

### **3. Por outro modo de ser humano, com os outros no mundo**

Aparentemente simples, as descobertas acima são na verdade cruciais, tanto para nossas vidas em geral quanto para o exercício da liderança em particular. Credo-se em Deus ou não, qualquer pessoa de “juízo e razão” (EE 95) é capaz de reconhecer o quão fundamental e urgente é a passagem de uma antropologia autossuficiente, competitiva e meritocrática a uma antropologia fundada nas *relações*. Afinal, não há *vida* humana nem ser *humano* senão em relação, pois

a) não existimos senão em comunhão com o mundo da vida, nossa casa-comum:

“O ser humano não se cria a si mesmo. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza”. Com paterna solicitude, meu predecessor, Bento XVI, convidou-nos a reconhecer que a criação resulta comprometida “onde nós

mesmos somos a última instância, onde o conjunto é simplesmente nossa propriedade e onde o consumimos somente para nós mesmos. E o desperdício da criação começa onde já não reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemo-nos unicamente a nós mesmos” (LS 6).

b) e não somos *humanos* senão em comunhão com os outros, irmanados no dom comum de sermos e de nos tornarmos humanos:

a pandemia do Covid-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos. Por isso, “a tempestade – dizia eu – desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. (...) Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso ‘eu’ sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, esta (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos” (FT 32).

Quantas vezes na vida é necessária uma “tempestade”, como a da pandemia em curso, para se descobrir *experencialmente* o que, *logicamente*, é uma evidência: ninguém se dá a si mesmo a vida, e tampouco se pode ser humano sozinho. Foi o que Bergoglio aprendeu na própria pele, no que chama de três “covids” de sua vida: a doença da juventude, o doutorado abandonado na Alemanha e, o que aqui nos interessa, sua destinação para Córdoba, entre 1990 e 1992.

Ciente de que seus superiores o haviam distanciado de Buenos Aires para “pagar o preço” de seu “jeito de liderar, primeiro como provincial e depois como reitor” (PAPA FRANCISCO; IVEREIGH, 2020, p. 50), Francisco lê sua estadia em Córdoba como tempo de purificação:

Passei a ter maior tolerância, compreensão e capacidade de perdoar. Também renovou minha empatia pelos fracos e indefesos. E paciência, muita paciência, que é o dom de compreender que as coisas importantes levam tempo, que a mudança é orgânica, que há limites e que temos de trabalhar dentro deles, mantendo os olhos no horizonte, como Jesus fazia. Aprendi a importância de ver o que há de grande nas pequenas coisas e o que há de pequeno nas grandes. Foi um período de crescimento de muitas maneiras, o tipo de desabrochar que acontece depois de uma poda radical (PAPA FRANCISCO; IVEREIGH, 2020, p. 51).

Francisco aprendeu a “transitar a paciência”, tema de suas reflexões em Córdoba, sugerido pela leitura de um livro de título sugestivo, a “Teologia do fracasso” (*Teologia del fallimento*), escrito por John Navone, jesuíta ítalo-americano que por quarenta anos lecionou na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. A citação é longa, mas tão profunda quanto o que comumente aprendemos “depois de uma poda radical”:

Às vezes a vida nos leva não a “fazer”, e sim a “padecer”, suportando (do grego, *kypomoné*), aguentando nossas limitações e as dos outros. Transitar a paciência – explica – é assumir que o que amadurece é o tempo. Transitar a paciência é deixar que o tempo dirija e modele nossas vidas (...) significa aceitar que a vida é isso: uma contínua aprendizagem. Quando somos jovens, acreditamos que podemos mudar o mundo e tudo bem, tem que ser assim. Mas, depois, quando buscamos, descobrimos a lógica da paciência na própria vida e na dos outros. Transitar a paciência é assumir o tempo e deixar que os outros vão vivendo sua vida. Um bom pai, assim como uma boa mãe, são aqueles que vão intervindo na vida do filho só o necessário para dar diretrizes de crescimento, para ajudá-lo, mas que depois sabem ser espectadores dos fracassos próprios e alheios, e os supera. Quantas vezes na vida convém frear, não querer consertar tudo de uma vez! Transitar a paciência implica todas essas coisas; é um claudicar da pretensão de querer resolver tudo. É preciso fazer um esforço, mas entendendo que não podemos tudo. Precisamos relativizar um pouco a mística da eficácia (RUBIN; AMBROGETTI, 2013, p. 59–60).

Só é capaz de transitar na paciência, quem aprendeu que a vida é maior do que si mesmo, e do que a realidade imediata de suas circunstâncias. Por melhor que fosse a intenção do jovem Bergoglio, eleito superior maior dos jesuítas da Argentina aos 36 anos de idade, seu fracasso como líder paradoxalmente ocorreu por ter sido traído pela “mística da eficácia”, que neste exato momento ameaça-nos como humanidade e como planeta.

Já eleito Papa, ele volta sobre o tema: “Na minha experiência de superior na Companhia (...) nem sempre me comportei (...) fazendo as necessárias consultas. E isso não foi uma boa coisa. O meu governo como jesuíta no início tinha muitos defeitos (...). O meu modo autoritário e rápido de tomar decisões levou-me a ter sérios problemas” (FRANCISCO; SPADARO, 2013).

#### **4. A ação, para ser eficaz, pressupõe padecimento e paciência**

Em sua ânsia por ser eficaz, Bergoglio deixou-se seduzir pela ilusão prometeica de tudo fazer e dominar, esquecendo-se que a liderança, justamente pelo fato de ser humana, não existe senão em relações e num dinamismo que jamais podemos absolutamente prever ou controlar. Balancear a “mística da eficácia” com a do “padecimento”, mais do que uma exortação sobre a necessidade de termos “paciência” para com os ritmos e limitações dos outros, implica reconhecer que não somos e não podemos fazer nada sozinhos, seja como humanos seja no exercício da liderança. Significa reconhecer que o ser humano – do mesmo modo que é livre e responsável por sua própria história – é igualmente um ser de *receptividade* ou, nas palavras de Bergoglio, de *padecimento/paciência*.

A etimologia ajuda-nos a compreender o que aqui está em jogo. Na raiz dessas duas expressões, à primeira vista distintas uma da outra, encontra-se a palavra grega “*páthos*”, transposta ao latim como “*passio*”. A “*passio*” nos remete sempre a uma realidade que padecemos, causada por algo ou por alguém, donde sua ambivalência, pois pode ser referida tanto ao padecimento ou à passi-



vidade em sua forma *acidental*<sup>6</sup>, quanto a um tipo essencial de passividade, que chamamos de receptividade *substancial*.

*Substancial* porque absolutamente necessária. Assim como os outros seres criados, o ser humano não se dá a si mesmo a vida, mas a *recebe*. Do ponto de vista biológico, a *vida* humana não pode existir senão em relação com a natureza. Dela *recebemos* luz, ar, água, alimentos... O próprio relato da criação de Adão (*Adam*), no segundo capítulo do livro de Gênesis, evoca plasticamente a imagem de uma formação que se dá enquanto padecimento e recepção: qual argila na mão do oleiro, o Senhor modelou *Adam* – “o terroso” (AMSLER, 1958, p. 108) – do pó da terra (*adamah*), soprando-lhe em seguida a *vida*...

É verdade que, enquanto ser de ação (*actio*) e de liberdade, o ser humano não é mera receptividade (*passio*). Afinal, para o bem ou para o mal, somos responsáveis por nossa história. Porém, não menos verdadeiro é afirmar – e este é o segundo sentido do que aqui chamamos de *receptividade substancial* do ser humano – que só podemos nos tornar verdadeiramente humanos dentro de uma história e de uma cultura. Do ponto de vista antropológico, não se pode ser *humano* a não ser em relação com os outros. O ser humano (*Adam*) não pode existir sozinho no mundo. Por isso, em Gn 2,23, Deus cria a mulher (*ishshah*) do lado do homem (*ish*), formando-nos, desde o início, em relação: “Macho e fêmea os criou, e abençoou-os, e chamou-os pelo nome de *Adam*, no dia em que foram criados” (Gn 5, 2).

### **A modo de conclusão: líderes-servidores em fraternidade e na casa-comum**

Não seria exagerado identificar nessas duas formas de *receptividade substancial* – isto é, do mundo da vida e do mundo enquanto história tecida não por indivíduos (e, muito menos, por varões superiores a mulheres!), mas como humanidade –, os temas centrais das duas últimas Encíclicas do Papa Francisco: *Laudato si'* (2015), sobre o cuidado da casa comum, e *Fratelli tutti* (2020), sobre a fraternidade e a amizade social. Afinal, ambas têm como ponto de convergência a afirmação de que o caminho de nossa realização e salvação, como planeta ou como humanidade, passa necessariamente por um movimento de saída de nossa “consciência isolada” (LS 208) rumo a uma nova “consciência de que ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém” (FT 137).

As duras palavras de Francisco são carregadas de urgência e realismo. Diante de tanta insensatez e ensimesmamento, ele se contenta em fazer “apelo àquele mínimo de consciência universal e de preocupação pelo cuidado mútuo que possa ainda existir nas pessoas” (FT 117). Francisco não se seduz nem se deixa iludir pelas imagens hollywoodianas do líder-herói, mencionadas ao início. Antes, prefere partir da realidade assim como ela é, sabiamente se servindo da mentalidade utilitarista da sociedade hodierna para alertá-la quanto à insensatez de seu próprio caminho.

<sup>6</sup> A terminologia vem dos gregos. Segundo Aristóteles, o que é “por acidente” (*kata symbebêkos*) é aquilo que não se dá por necessidade, podendo ou não acontecer, por exemplo, o padecimento por causa de uma doença, de um desastre natural ou mesmo de uma agressão física perpetrada por alguém.

Tendo aprendido a transitar a paciência, Francisco sabe que, com a pedagogia correta e no devido tempo – recorde-se que não lhe interessa ocupar o espaço do outro, mas iniciar processos (EG 222) –, mesmo indivíduos de mentalidade utilitarista podem recalculer seus bens e valores. É o que narra o evangelho de Mateus em uma parábola claramente mercantilista, a do negociante de pérolas preciosas. Ao encontrar a “pérola de grande valor”, vende todos os seus bens para adquiri-la (Mt 13,45-46).

Transitar a paciência é, nesse sentido, olhar para além do que imediatamente se vê, confiantes que, no oculto da terra, o Reino de Deus insiste a brotar e a crescer (Mc 4,26). Não se trata de nada fazer ou de se esconder os talentos pessoais (Mt 25, 14-30). O que se encontra em questão no ensinamento que Bergoglio aprendeu em sua própria vida, é que nosso esforço e liderança constituem apenas uma parcela de um todo muito maior do que nós mesmos e do que a missão imediata que nos foi confiada.

Transitando a paciência, o Bergoglio voluntarista do passado aprendeu a não se antecipar à ação do próprio Deus no caminhar da história e da vida de cada pessoa. Eis por que Francisco se recusa a tomar decisões ou a fazer julgamentos apressados. Ele sabe que em nossas vidas, joio e trigo crescem juntos, sendo necessário esperar com *paciência* o tempo da colheita, quando finalmente se poderá discernir (do latim *discerno* = separar, dividir) o joio do trigo (Mt 13, 24-30).

Transitar a paciência é, acima de tudo, não ter medo de compreender a *actio*, que caracteriza toda e qualquer liderança, movida pela *passio* do Amor, que, transformando-nos, transforma também a liderança em todo os sentidos:

- De um cargo carreirista exercido por competências individuais a uma missão abraçada por pessoas que, embora qualificadas, fiam-se antes na Palavra de quem as chamou do que no vaso de barro de que são formadas (2Cor 4,7).
- Da “lógica” da conquista pessoal e do “vencer na vida” à “loucura” do deixar-se compadecer pelo outro e servi-lo sem reservas (FT 56-86): “Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço” (FRANCISCO, 2013).
- De uma visão individualizada da liderança à consciência de se estar, desde o início, em um ambiente de relações, em que “tudo está interligado” (LS 16, 91, 117, 138, 240) – a pessoa que presta o mais simples serviço é tão digna de respeito e de importância do que a que exerce as tarefas mais complexas ou urgentes.
- De uma liderança heroica, que tudo pode e tudo sabe, à consciência de que a liderança é uma co-laboração em que o outro não é uma ameaça, mas parte vital do corpo ao qual também pertencemos.
- De uma liderança movida pelo cumprimento de cronogramas e metas a uma consciência de que, conquanto importantes, planejamentos e regras pré-determinadas são sempre meios e instrumentos para a rea-

lização de uma missão que, em última análise, é sempre humanizante e humanizadora.

- De uma compreensão autorreferencial da missão – seja ela administrativa, técnica, educativa etc. – à consciência de que, a partir de nossa missão específica, somos também responsáveis pela salvação de um planeta ferido e pela promoção humana de um mundo marcado por profundas injustiças estruturais, escancaradas no drama da fome, da pobreza, do racismo, do sexismo, do desemprego, da migração forçada e da dizimação de inteiras populações pelos mais vis e espúrios interesses.

A lista acima poderia certamente prolongar-se. Seu propósito, no entanto, é o de nos acenar quanto à paradoxal eficácia do amor. Enquanto padecimento, o amor “tudo sofre, tudo crê, tudo supera, tudo suporta (*panta hypoménei*)” (1Cor 13,7). Mas, igualmente, tudo transforma. Ao caso de Mateus, tão caro ao Papa Francisco, evoquemos conclusivamente a ação transformadora do Amor na vida daquele que por primeiro recebeu de Jesus Cristo a missão de pastorear/liderar a sua Igreja.

O capítulo 21 do evangelho de João nos narra que a promoção de Pedro como líder se deu num contexto de profunda crise e decepção pessoal. Tendo renegado Jesus três vezes, Pedro se depara diante do olhar amoroso de Jesus que o interpela a permanecer com ele, confiando-lhe sua própria missão de reconciliação, recebida do Pai. No fracasso, Pedro compreende que o amor e a fidelidade não são frutos da bravura jovial, mas dom que se recebe. Transitando a paciência evocada na imagem da velhice, ele finalmente aprende a deixar-se ser amado/cuidado/guiado por outrem/Outrem. Amor que se converte em seguimento, em pastoreio, em saída de si, sem reservas de se dar a própria vida, amando até o fim:

Pedro ficou triste, porque Jesus lhe havia perguntado pela terceira vez: “Tu me amas?”. E respondeu: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo”. Jesus disse-lhe: “Apascenta minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo: quando eras jovem, tu mesmo te cingias e andavas onde querias; quando, porém, fores velho, estenderá os braços, e outro te cingirá e te levará para onde não queres”. Disse isso para dar a entender com que tipo de morte Pedro glorificaria a Deus. E acrescentou: “Segue-me” (Jo 21, 17-19).

## Siglas

EE	=	<i>Exercícios Espirituais</i> , de Santo Inácio de Loyola
EG	=	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
FT	=	Carta Encíclica <i>Fratelli tutti</i>
LS	=	Exortação Apostólica <i>Laudato si'</i>

## Referências

AMSLER, Samuel. Adam le terreux, dans Genèse 2-4. *Revue de Théologie et de Philosophie*, v. 8, n. 2, p. 107-112, 1958.

CARAVAGGIO. *O chamado de Mateus*. 1599-1600. 1 imagem. 920x882 pixels (Domínio Público). Disponível em: <http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/caravaggio/calling/calling.jpg>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.

FRANCISCO, Papa. [EG] *Exortação Apostólica "Evangelii gaudium" sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, 24 nov. 2013. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 21 jan. 2022.

FRANCISCO, Papa. [FT] *Carta Encíclica Fratelli tutti sobre a fraternidade e a amizade social, 3 de outubro de 2020*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em: 24 jan. 2022.

FRANCISCO, Papa. [LS] *Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 25 jul. 2022.

FRANCISCO, Papa. [2013] *Santa Missa no solene início de pontificado de Sua Santidade Francisco, 19 de março de 2013*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130319\\_omelia-inizio-pontificato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html). Acesso em: 9 jul. 2022.

FRANCISCO, Papa; IVEREIGH, Austen. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, Papa; SPADARO, Antonio. *Entrevista ao Papa Francisco realizada pelo padre Antonio Spadaro diretor da revista "Civiltà Cattolica"*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html). Acesso em: 29 jun. 2022.

GIBBS, Nancy. *A Escolha: O Papa Francisco é a Personalidade do Ano eleita pela TIME em 2013*. Disponível em: <https://poy.time.com/2013/12/11/a-escolha-o-papa-francisco/>. Acesso em: 1 jul. 2022.

IVEREIGH, Austen. *The great reformer: Francis and the making of a radical pope*. London: Allen & Unwin, 2014.

IVEREIGH, Austen. *Wounded shepherd: Pope Francis and his struggle to convert the Catholic Church*. New York: Henry Holt and Company, 2019.

LOWNEY, Chris. *Francisco, líder y papa*. Maliaño: Sal Terrae, 2014.

RUBIN, Sergio; AMBROGETTI, Francesca. *O papa Francisco: conversas com Jorge Bergoglio*. Campinas: Verus, 2013.

*Thymus - Natura: Contexto de Mundo*, 28 abr. 2016. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EdPS5LjT6Ts>>. Acesso em: 1 jul. 2022.